



# DO ÊXODO DA IGREJA AO MONTE SIÃO: ESTUDO DA ADORAÇÃO ÉTICA EM APOCALIPSE 14

---

JOÃO LUIZ MARCON<sup>1</sup>

**Resumo:** Durante décadas os adventistas do sétimo dia têm proposto em sua escatologia que a crise final, precursora da segunda vinda de Cristo a este mundo, envolverá o tema da adoração a Deus ou à criatura. Desta forma, pesquisas têm sido realizadas nas quais se observa a existência de relações literárias, temáticas e teológicas, ecos, tipologias e símbolos entre Êxodo 19-24 e Apocalipse 11:19-16:21. Portanto, o tema do Êxodo também fornece auxílio para a compreensão do assunto da crise da adoração escatológica. O objetivo deste artigo é definir a adoração ética de Apocalipse 14 no contexto Êxodo-Sião de Apocalipse 11:19-16:21. Observou-se que os sacerdotes apocalípticos praticam a adoração pactual, a qual está fundamentada na ética do pacto de Êxodo 20. Logo, a expressão “os que guardam os mandamentos de Deus e têm a fé de Jesus” (Ap 14:12) indica uma adoração que, antes de ser cúltica ou ritualística, manifesta-se por meio de submissão, perseverança, obediência e fidelidade ao Criador-Redentor e uma vida irrepreensível.

**Palavras-chaves:** Êxodo; Sião; Adoração; Mandamentos; Ética.

## FROM THE CHURCH'S EXODUS TO MOUNT ZION: A STUDY OF ETHICAL WORSHIP IN APOCALYPSE 14

**Abstract:** For decades Seventh-day Adventists have proposed in their eschatology that the final crisis, foreshadowing the second coming of Christ into this world, will involve the theme of worship of God or the creature. In this way, research have been carried out where the existence

---

<sup>1</sup> Mestre em Teologia (Faculdades EST, São Leopoldo-RS) e doutorando em Teologia (Universidade Adventista del Plata, Argentina). Diretor do Seminário Adventista Latino-americano de Teologia – Faculdade Adventista do Paraná, Ivatuba – PR. E-mail: joao.marcon7@gmail.com.

of literary, thematic and theological relationships, echoes, typologies and symbols between Exodus 19–24 and Revelation 11:19–16:21 can be observed. Therefore, the theme of Exodus also provides help for understanding the subject of the crisis of eschatological worship. The purpose of this article is to define the ethical worship of Revelation 14 in the Exodus-Zion context of Revelation 11:19–16:21. It has been observed that apocalyptic priests practice covenant worship which is grounded in the covenant ethics of Exodus 20. Then the expression “those who keep the commandments of God and have the faith of Jesus” (Rev 14:12) indicates a worship that, before being cultic or ritualistic, is manifested through submission, perseverance, obedience and fidelity to the creator-redeemer and an irreproachable life.

**Keywords:** Exodus; Zion; Worship; Commandments; Ethics.

## 1. Introdução

O tema das três mensagens angélicas de Apocalipse 14:6-13<sup>2</sup> tem sido, desde os primórdios do adventismo, um ponto unificador das doutrinas da denominação, de identidade de sua origem e função profética, e sua missão ao mundo contemporâneo para preparar um povo para o encontro com o Senhor Jesus Cristo (TIMM, 1999, 277-284). Por mais que um significativo número de estudos já tenham sido feitos e contribuam para elucidar o capítulo, ao reestudar é possível encontrar temas que podem colaborar para a compreensão e fortalecimento do posicionamento dos adventistas.

A presente pesquisa tem como problemática: qual é a definição de adoração ética em Apocalipse 14 e suas implicações para o destino da humanidade? O objetivo do estudo é definir a adoração ética de Apocalipse 14 no contexto Êxodo-Sião de Apocalipse 11:19-15:4 e suas implicações para o futuro dos seres humanos. Sob a perspectiva adventista do sétimo dia, a metodologia empregada é uma análise do texto bíblico com pesquisa bibliográfica, sendo dividido em quatro partes: (1) estudo da tipologia do Êxodo-Sião de Israel em Apocalipse 11:19-16-21; (2) o que é adoração pactual; (3) definição e características da adoração ética de Apocalipse 14; e (4) as implicações da falsa e da verdadeira adoração em Apocalipse 14.

O estudo se delimita ao objetivo proposto, que é definir a adoração pactual ética de Apocalipse 14, apresentando também as consequências das escolhas entre ela e a falsa adoração. Para que essa definição seja estabelecida, o objeto de análise são os textos de Êxodo 19-24 e Apocalipse 11:19-15:4, nos quais se observa a presença de ecos e símbolos, bem como as relações literárias, tipológicas, temáticas e teológicas com o tema. Ao se definir os textos para estudo, não se pretende, deste modo, negligenciar as demais passagens bíblicas elucidadoras sobre o assunto e que se encontram em outros livros das Escrituras. Por isso, esses versos bíblicos são usados simplesmente para clarificar o que está sendo proposto. Aqui é importante destacar que a pesquisa não pretende definir o que é adoração como ato litúrgico nem mesmo definir o conceito mais amplo de adoração bíblica. A menção da adoração litúrgica é feita apenas para distinguir do propósito do estudo.

A justificação do estudo deve-se ao fato de que, segundo o Apocalipse, há um contexto de apostasia religiosa universal no fim dos tempos e Deus está fazendo um convite divino de salvação eterna a todos os habitantes da Terra. A resposta ao convite de salvação é a adoração pactual ética. Por esse motivo, compreender e vivenciar o conceito fundamental de adoração de Apocalipse 14 contribui para que cada ser humano aceite ou não a advertência e o convite

---

<sup>2</sup> Salvo quando informado outra fonte, todos os textos bíblicos escritos neste estudo são da **Bíblia de Estudo Almeida**: Almeida Revista e Atualizada.

divinos de salvação ou a sentença final de perdição. Como envolve vida eterna ou a morte eterna, tal definição e aquiescência à adoração pactual ética é essencial para a experiência ética na vida cristã presente e futura, seja ela individual ou comunitária.

## 2. O Tema do Êxodo-Sião em Apocalipse 11:19-16:21

O estudo da tipologia do Êxodo nas Escrituras foi abordada pelos seguintes pesquisadores, entre outros: 1) Friedbert Ninow (1962), que afirmou que ela está vinculada com a teologia veterotestamentária; 2) Robert Houston Smith (1962), que analisou a tipologia do Êxodo nos quatro evangelhos; 3) Augustine Stock (1969), que pesquisou o tema tanto no Antigo como no Novo Testamento; 4) J. S. Casey (1981), que mostrou que o tema do Êxodo está presente na literatura religiosa judaica e cristã como o Antigo Testamento, os apócrifos, os pseudoepígrafos, os manuscritos de Qumran, a literatura rabínica e em quase todos os livros do Novo Testamento, principalmente o Apocalipse.

O artigo do teólogo adventista Laslo Gallus (2016, p. 156-186) é esclarecedor sobre o tema e trata do Êxodo em Apocalipse 15-16. Ele declara que a “tradição do Êxodo consiste em vários componentes temáticos: livramento, juízo, aliança, presença do Libertador e conquista/herança” (GALLUS, 2016, p. 179). O autor mostra como esses e outros elementos estão presentes nos capítulos 15 a 16 de Apocalipse, portanto, fazendo da experiência do Êxodo israelita uma tipologia da libertação final e da vitória do povo que abraça a aliança (GALLUS, 2016, p. 166-168).

Na mesma direção do tema do Êxodo no Apocalipse, tem-se o ensaio de David S. Gifford (2018, p. 8), que exhibe o tema do Êxodo em Apocalipse 12 com a presença de elementos do evangelho em Apocalipse 12:1-5 tais como: o filho da promessa, a mulher grávida, a tentativa de matar o menino e o conflito entre o bem e o mal, elementos estes que também aparecem na história do Êxodo. Segundo o autor, o destaque do capítulo 12 é o tema do Êxodo, no sentido de que o Êxodo de Israel do Egito e os símbolos em Apocalipse 12 são basicamente fundamentados e prenunciados nas Escrituras.

Gifford (2018, p. 9), diz que:

Embora outros ecos estejam presentes no texto, o Êxodo de Israel do Egito é o principal motivo para entender Apocalipse 12. Apocalipse 11:19, uma ponte entre os capítulos 11 e 12, ecoa a presença de Deus no monte Sinai e mostra sua intenção de honrar e fazer cumprir sua aliança. Esse versículo é a terceira de quatro tempestades semelhantes ao Sinai no Apocalipse (cf. Ap 4:5, 8:5, 16:18). Cada um cresce progressivamente mais forte; apenas os últimos rivalizam com a exibição em Êxodo 19:16-20, onde “no fogo [...] o SENHOR desceu no monte Sinai”. A abertura das portas do templo sem ação angélica sugere a autorevelação deliberada de Deus. A arca da aliança, que contém os Dez Mandamentos, é um símbolo do trono de Deus e sugere sua presença (1Rs 8:9; 1Sm 4:4).

É importante para esse estudo o que foi apresentado por Gifford, pois esses “ecos” do Êxodo em Apocalipse 12, que reverberam no capítulo 14, indicam um paradigma da libertação da saída de Israel pela ação de Deus. No Sinai, Deus conduz seu povo a uma relação pactual que envolve o culto a YHWH (יהוה) e é quando o próprio Deus entrega suas leis de vida e liberdade. Gifford (2018, p. 9) continua ao afirmar que:

Antes que a mulher e seu filho sejam expostos e ameaçados publicamente no próximo capítulo, Deus revela seu próprio Santo dos Santos e os sinais de sua aliança eterna (Is 54:5; 1Rs 5:6). O propósito de Deus na exibição de tempestades sobre o Sinai era causar “medo” para que as pessoas “não pecassem” (Êx 20:20). O evangelho eterno descrito no

Apocalipse também inclui o mandamento: “Temei a Deus!” (Ap 14:6-7). Assim, Apocalipse 11:19 ecoa a presença de Deus no monte Sinai, a primeira parada de Israel após o Êxodo, e mostra a intenção de Deus de honrar e fazer cumprir sua aliança.

Pode-se dizer que, à semelhança do monte Sinai, diversos textos do Apocalipse (4:5; 8:5; 11:19; 16:18) contêm manifestações do poder divino que revelam não só a presença divina, com também seu pacto por meio da arca da aliança. O objetivo dessa revelação é claro: levar as pessoas a “temer” a Deus segundo o evangelho eterno e a garantia de Deus do cumprimento de suas promessas a todos que abraçam a redenção em Cristo. Dentre as promessas do novo pacto está a própria presença de Cristo no meio de seu povo (Ap 14:1-5; cf. 1:13-20; a presença divina; cf. Êx 25:8), a vitória final e permanente aos redimidos (Ap 15:1-4; 17:14; 19:1-8; a vitória sobre os inimigos; cf. Êx 23:27-30) e a herança do novo mundo recriado (Ap 21:1-7; herança da terra; cf. Êx 23:31).

Com isso em mente, segundo Ladd (1992, p. 140), a visão de Apocalipse 14:1-5 é “proléptica”, retratando “o destino do povo de Deus que foi preservado durante a grande tribulação, mas que tinha sido vítima da cólera da besta”. Portanto, João “os vê no Reino messiânico”, e Sião representa a vitória e o recebimento do Reino. Entretanto, na teologia cristã apostólica, o monte Sião celestial também é considerado o novo Sinai do Novo Testamento (WALL, 1991). É ali onde está a cidade construída por Deus, a nova Jerusalém. Nesta Sião está o santuário de YHWH no qual o cristão, no presente momento, já pode se aproximar de Deus para adorá-lo por meio do sacrifício e da mediação do Filho de Deus (Hb 12; 1:3; 4:13-16; 6:18-20; 7:22-25; 9:11-14, 23-28; 10:12, 19-22; 11:10, 16; 12:2). O monte é a antecipação do mundo e do reino vindouros dos quais o cristão é cidadão (Gl 4:21-31).

Por último, Apocalipse 11:19-16:21 contém ecos, alusões e reverberação do Êxodo hebreu, como encontrado no livro de Êxodo, porém, por mais que se utilize da menção de personagens e elementos do Êxodo, a sequência dos fatos no Apocalipse não seque a sequência da saída dos israelitas do Egito (GALLUS, 2016, p. 166). Desta forma, João quer mostrar que há um Êxodo eclesiológico e, além disso, um Êxodo final, isto é, escatológico.

### 3. O que é Adoração Pactual?

Como visto pelos pesquisadores mencionados anteriormente, existe uma relação entre os textos de Apocalipse 11:19-16:21 e o Êxodo israelita, porém, para este estudo específico, converge-se para Apocalipse 14 e Êxodo 19-24. O artigo de William H. Shea (2016, p. 209) apresenta os paralelos literários e teológicos entre Apocalipse 14-15 e Êxodo 19-24, especificamente aqui a relação entre Êxodo 19 e Apocalipse 14:1-5, conforme é observado no Quadro 1:

**Quadro 1:** Relação entre Êxodo 19 e Apocalipse 14:1-5.

Êxodo 19	Apocalipse 14:1-5
1. Localização: monte Sinai (v. 2)	1. Localização: monte Sião (v. 1)
2. Localização: no pé do monte (v. 23)	2. Localização: sobre o monte (v. 1)
3. Pessoas presentes: 12 tribos israelitas (v. 1, 3, 6)	3. Pessoas presentes: os 144 mil, vindos das 12 tribos de Israel (v. 1).
4. Uma voz do céu: trovão e um instrumento musical – a trombeta (v. 16)	4. Uma voz do céu: trovões e instrumentos musicais – harpas (v. 2)
5. Origem do povo – resgado do Egito (v. 4)	5. Origem do povo – remido da terra (v. 3)
6. Pureza do povo: “não se aproximar de uma mulher” (v. 15)	6. Pureza do povo: “não se contaminaram com mulheres” (v. 4)

7. Pureza do povo: Moisés consagra o povo e eles “lavaram suas vestes” (v. 13)	7. Pureza do povo: “eles são sem mácula” (v. 5)
8. Palavras do povo: “Tudo o que o Senhor falou, nós faremos” (v. 8).	8. Palavras do povo: “não se achou mentira na sua boca” (v. 5) ( <i>sic</i> )

Fonte: Shea (2016, p. 212).

Ao analisar a comparação entre os textos, é válido refletir em Êxodo 19, porque é a passagem bíblica que fala sobre o estabelecimento da aliança entre Deus e Israel junto ao monte Sinai após a saída do Egito. No entanto, é importante ressaltar que Apocalipse 12 apresenta um novo Êxodo do redimido povo messiânico de YHWH. Os integrantes desse povo, por suas características, assim como Israel, também constitui um “reino e sacerdotes” de Deus para servi-lo (Ap 1:5; cf. 5:10; 7:9-17; cf. Êx 19:5-6). Em vez de estarem no pé do monte, os 144 mil estão no cimo do monte Sião para receber as leis divinas do pacto (Ap 14:1; cf. Êx 19:16-23; 20:1-2). Há uma aliança entre Deus e a igreja, seu Israel. Ampliando tal compreensão, em outro quadro do mesmo artigo, o Quadro 2 exibe uma relação entre as leis do pacto sinaítico e o pacto apocalíptico:

**Quadro 2:** Relação entre o pacto sinaítico e o pacto apocalíptico

Êxodo 20:1-17	Apocalipse 14:6-11
<p><b>Dez Mandamentos: lei apodítica</b></p> <p>[exemplo:] “Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra” (Êx 20:3-4).</p>	<p><b>Mensagem do primeiro anjo: lei apodítica</b></p> <p>“Temei a Deus e dai-lhe glória [...] e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas” (Ap 14:7).</p>
<p><b>Êxodo 20:11-20: interlúdio histórico</b></p> <p>“Todo o povo presenciou os trovões, e os relâmpagos, e o clangor da trombeta, e o monte fumegante; e o povo, observando, se estremeceu e ficou de longe. Disseram a Moisés: Fala-nos tu, e te ouviremos; porém não fale Deus conosco, para que não morramos” (Êx 20:18-21).</p>	<p><b>Mensagem do segundo anjo: interlúdio histórico</b></p> <p>“Seguiu-se outro anjo, o segundo, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia que tem dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição” (v. 8).</p>
<p><b>Código da Aliança: lei casuística</b></p> <p>[Exemplo explicando o oitavo mandamento:] “Se um homem entrega ao seu próximo dinheiro ou bens para guardar e é roubado fora da casa do homem, então, se o ladrão for encontrado, [então] ele pagará o dobro” (Êx 22:7).</p>	<p><b>Mensagem do terceiro anjo: lei casuística</b></p> <p>“Se alguém adora a besta e a sua imagem e recebe a sua marca na frente ou sobre a mão, [então] também esse beberá do vinho da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice de sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro” (Ap 14:9-10).</p>

Fonte: Shea (2016, p. 212).

O autor argumenta que há dois tipos de lei na aliança sinaítica: 1) Lei apodítica, ou seja, “mandamentos [...] que começam com faça ou não faça”. Em outras palavras, “são mandamentos diretos, geralmente aplicáveis, dizendo aos israelitas os tipos de coisas que devem fazer para cumprir sua parte da aliança com Deus”. Um exemplo de leis apodíticas são os mandamentos do Decálogo (FEE; STUART, 1997, p. 142). 2) Lei casuística ou de jurisprudência representa que “os elementos numa lei são condicionais” e “tais leis se aplicam [...] à vida civil, religiosa, e ética

de Israel”. Elas “são, por sua própria natureza, limitadas na sua aplicabilidade”. Ou seja, tem-se a partícula “se”, que indica condicionalidade ou a aplicação caso a caso (FEE; STUART, 1997, p. 144-145). O articulista vê a presença tanto de leis apodíticas como casuística em Apocalipse 14:6-9, evidenciando, então, o estabelecimento da aliança Deus-igreja.

### 3.1. O Fundamento da Adoração Pactual

Após esse *background* para compreender a adoração pactual em Apocalipse 14, é necessário voltar-se aos capítulos 20 a 24 de Êxodo, que contêm a primeira definição explícita do seu significado. Para Rocha (1998, p. 26-31), os primeiros quatro mandamentos do Decálogo são o fundamento da adoração e da ética do cristão. O primeiro mandamento inicia justamente como a menção de YHWH como sendo o salvador de Israel quando declara que “eu sou o SENHOR, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim” (Êx 20:2-3).

Já o quarto mandamento declara que ele é o Criador quando alude ao sétimo dia da semana como sendo o sábado a ser santificado em memória das suas ações criadoras em seis dias: “Porque, em seis dias, fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o SENHOR abençoou o dia de sábado e o santificou” (Êx 20:8, 11). Na adoração a YHWH, o sábado, além de ser o dia que aponta para o restabelecimento do pacto edênico (Êx 20:8-11), desempenha um papel importante no pacto sinaítico, porque ele faz esquecer os falsos deuses (Êx 23:12-13) e é “sinal” ou “marca” da aliança entre o verdadeiro Deus e Israel (Êx 31:13-18). Assim, segundo LaRondelle (2016, p. 7-15), a redenção de YHWH visa levar a humanidade ao retorno da relação pactual como na criação do mundo (Ap 14:6-7; cf. Gn 1-2).

A demonstração da adoração pactual em Êxodo 19-24 é explicada pelo próprio Deus quando apresenta a maneira pela qual deve ser a adoração e o culto a ele. Isso quer dizer que, além das orientações iniciais do primeiro e do quarto mandamentos sobre o tema, também a adoração pactual é por meio do segundo e do terceiro mandamentos. O segundo mandamento diz como deve ser a adoração e o culto ao se referir o ato de reverenciar, prostrar-se, prestar homenagem. O verbo hebraico empregado para expressar essas ações cúlticas é *tištaḥweh* (תִּשְׁתַּחֲוֶה; raiz: חוה) (YAMAUCHI, 1998, p. 434-640). O mandamento estabelece que somente Deus deve ser adorado e a reverência deve ser sem a presença de nenhuma imagem de escultura diante do adorador (Êx 20:4-5, 22-23; 23:24-25).

O mesmo mandamento usa outra palavra importante, que foi traduzida por “cultuar” ou “servir” (Êx 20:4), *tā’ābādēm* (תַּעֲבֹדֶם; raiz: עבד). O sentido desse termo, quando relacionado a Deus ou a qualquer divindade, é fazer um serviço de adoração ou um serviço litúrgico (KAISER, 1998, p. 1.065-1.068). O segundo mandamento diz que o motivo pelo qual YHWH deve ser adorado é ser ele o Deus do pacto (Êx 20:5-6). Já o terceiro mandamento aborda que adoração e culto envolverem também reverência ao nome de YHWH e de forma alguma a invocação do nome de falsos deuses (Êx

20:7; 23:13). O Deus do pacto é quem julga a irreverência do seu nome porque este expressa seu caráter santo, amoroso, justo e fiel (NEUFELD, 2017, p. 350-352).

Por isso, a adoração pactual em Êxodo é descrita como: 1) adoração unicamente a Deus por ele ter redimido a Israel; 2) a devoção e o culto somente a YHWH, porque ele é o Deus do pacto; 3) o respeito ao nome de YHWH, o Juiz, porque por meio do seu nome se estabelece o pacto e a adoração por invocá-lo; 4) adoração a Deus por meio da santificação do sábado porque ele é o sinal da aliança entre YHWH, o criador, e Israel, o seu povo criado e redimido.

## 3.2. O Cerimonial da Adoração Pactual

O ponto culminante do estabelecimento da aliança é o cerimonial cúlctico da aliança em Êxodo 24:1-18. Nesse texto a adoração pactual se revela também na sua forma litúrgica. Alguns dos elementos presentes no culto pactual são os seguintes: Deus, o livro da aliança, o sangue derramado, o mediador Moisés e a refeição pactual de paz dos setenta anciões na presença de YHWH. Isso será reverberado em Apocalipse 4-5, 14:1-5 e 15:2-4, em que há os mesmos elementos presentes no livro do Êxodo: Deus, livro da aliança, mediador Jesus Cristo, sangue derramado, anciões e adoração festiva do povo ao redor do trono.

Na relação tipológica entre os livros, Jesus é o Moisés escatológico do livro de Apocalipse e é por intermédio dele que se estabelece a nova aliança entre Deus e o seu Israel, a igreja, formada de judeus e gentios crentes (Ap 5). Apocalipse 5:9-11 declara que a redenção foi por meio do sangue remidor do Cordeiro, e, no decorrer do livro, a menção ao Cordeiro sempre evocará o preço pago para libertar o seu povo e o estabelecimento da nova aliança no seu sangue (STEFANOVIC, 2002, p. 205-211; ver Mt 26:26-28; Mc 14:22-26; Lc 22:14-20; 1Co 11:23-25).

Além disso, segundo a teologia bíblica neotestamentária, Cristo é o Cordeiro e o mediador diante de Deus no santuário celestial (ver Hb 1:2-3; 6:18-20; 8-10; 12:24) e é ele quem toma o livro da aliança do lado do trono de Deus (STEFANOVIC, 2002, p.454; cf. Ap 5:7-8). Com isso, Apocalipse 5 e 14 descreve uma adoração e culto pactual a Deus e ao Cordeiro pelo fato de que a Divindade restabeleceu a relação com a humanidade, que abraça a aliança eterna do Pai e do Filho em prol da raça perdida (WHITE, 2003, p. 42-51). Ampliando-se os conceitos vistos, pode-se entender que os israelitas neotestamentários, redimidos pelo sangue da nova aliança, estão com Deus e o Filho no monte Sião (Ap 14:1-5) para receber os mandamentos da aliança de Deus, as cláusulas do pacto (Ap 14:6-12).

O que é visto até aqui diz respeito à existência de uma adoração pactual tanto pelas cláusulas da aliança como no seu cerimonial. Entretanto, o texto de Êxodo 23:24, 32-33 contribui para trazer que além da existência do pacto entre YHWH e Israel, pode também haver o pacto entre falsos deuses-Israel:

Não adorarás os seus deuses, nem lhes darás culto, nem farás conforme suas obras. [...] Não farás alianças nenhuma com eles [as nações cananitas], nem [aliança] com os seus deuses. Eles não habitarão na tua terra, para que não te façam pecar contra mim; se servires aos seus deuses, isto te será por cilada (Êx 23:24, 33).

Esses versos associam adoração e culto com aliança; neste caso, Deus diz que participar de uma adoração ou culto a falsos deuses ou obedecer a suas ordens e práticas é entrar em uma relação de aliança com eles. Com esse pensamento se verá como a adoração pactual é ética em Apocalipse 14.

## 4. Definição e Características da Adoração Ética de Apocalipse 14

Ao se referir ao conteúdo do livro de Apocalipse, Osborne (2014, p.16) afirma que “a apocalíptica é essencialmente de natureza ética e exige fidelidade do povo de Deus”. A adoração pactual de Apocalipse 14 é ética porque inicia revelando a adoração e a vida impoluta dos 144

mil no monte Sião. Ela é descrita com características que envolvem princípios bíblicos que fazem parte dos Dez Mandamentos. O texto afirma:

Olhei, e eis o Cordeiro em pé sobre o monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil, tendo na frente escrito o seu nome e o nome de seu Pai. Ouvi uma voz do céu como voz de muitas águas, como voz de grande trovão; também a voz que ouvi era como de harpistas quando tanger a sua harpa. Entoavam novo cântico diante do trono, diante dos quatro seres viventes e dos anciãos. E ninguém pôde aprender o cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da terra. São estes os que não se macularam com mulheres, porque são castos. São eles os seguidores do Cordeiro por onde quer que vá. São os que foram redimidos dentre os homens, primícias para Deus e para o Cordeiro; e não se achou mentira na sua boca; não têm mácula.

Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a terra, e a cada nação, e tribo, e língua, e povo, dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-lhe glória, pois é chegada a hora do seu juízo; e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas. [...] Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus (Ap 14:1-7, 12).

A princípio, a definição de adoração ética deve ser compreendida dentro do próprio contexto do capítulo. Apocalipse 14:1-5 diz que “144 mil” féis estão junto ao monte Sião; eles são aqueles que foram “redimidos dentre os homens”, “primícias para Deus e o Cordeiro”, “são os seguidores do Cordeiro por onde quer que vá”, “eles são castos”, em quem “não se achou mentira em sua boca” e “não têm mácula”. Tais redimidos estão adorando a Deus ao entoar um “novo cântico diante do trono” pela obra salvadora de Jesus Cristo (Ap 14:1-5; cf. 5:9-14; 7:14-17). Em seu contexto, indica que são eles que perseveraram em guardar “os mandamentos de Deus e a fé de Jesus” (Ap 14:12).

Esses textos apresentam uma definição de adoração ética: 1) Uma verdadeira adoração pactual é ética por reconhecer a Deus como Redentor e Criador graças ao evangelho eterno da salvação em Jesus Cristo. 2) Ela também é ética por estar fundamentada nos quatro primeiros mandamentos da lei de Deus, sendo, então, uma resposta de perseverança, obediência e fidelidade. Analisam-se agora essas duas declarações sobre a definição e características da adoração ética.

## 4.1. A Primeira Característica da Adoração Pactual Ética de Apocalipse 14

A primeira característica da adoração pactual é ética por reconhecer a Deus como seu Redentor e Criador por meio da graça de Deus. Para a Bíblia, em especial o caso do Apocalipse, o *euangélion aiōnion* (εὐαγγέλιον αἰώνιον = evangelho eterno) de Deus é que oferece a justiça de Jesus Cristo para a salvação dos pecadores. Essa justiça envolve os méritos de sua vida e sacrifício perfeitos oferecidos a Deus em lugar do condenado culpado. A oferta de Cristo satisfaz a justiça punitiva divina por ser uma oferta vicária, expiatória e penal (Rm 3:21-26; 4:25; 5:1, 8-9; 6:6, 23; 8:1-4; 2Co 5:21; Gl 2:15-16; 3:13-14; Ef 2:4-9, 13; Hb 1:2-3; 5:8; 9:11-14, 26-28; 10:5-15, 17; 1Pe 2:24-25; 1Jo 2:2; Ap 1:5; 5:9-10). Jesus é o cordeiro perfeito, como representado no Antigo Testamento (Êx 29:1; Lv 5:15, 18; 6:6; 9:2-3 etc.), que agora se encontra em frente ao trono de Deus como sumo sacerdote para aplicar a sua justiça ao que crê (Ap 3:20; 5:5-6, 9-10; 8:3-5; cf. Hb 7-8). Ele está diante do trono divino onde está a arca da aliança que contém os Dez Mandamentos do pacto sinaítico (Ap 11:15-19; cf. Êx 24:12; 25:21-22; 31:18; Dt 10:1-5). Desta forma, a justiça salvífica do evangelho eterno é simbolizada pelas vestes de



salvação (Ap 7:14-15) e implica que o crente é justificado e santificado por meio da fé em Cristo (MARCON, 2019, p. 80-85).

Semelhantemente ao paradigma do êxodo israelita, são as boas-novas da salvação em Cristo que trazem os seres humanos a uma relação pactual com Deus, como no princípio da criação do mundo (Hb 8:8-13; 10:12-18; Ap 14:7; 21:3-7; 22:4, 9). E assim como os israelitas foram chamados a ser um reino de sacerdotes após a libertação pelo sangue do cordeiro pascoal (Êx 19:5-6), os cristãos são reino e sacerdotes de Deus por estarem revestidos das vestes da justiça de Cristo. Isso significa que é a justiça de Cristo que investe e habilita o crente a ser um adorador da Trindade. Eles servem a Deus por meio de um serviço cútico, demonstrando estar em íntima relação pactual com Deus. (Ap 1:5-6; 5:9-14; 7:14-15; 14:1-5; 15:1-4; 19:5-8) (MARCON, 2019, p. 80-85).

Diante da graça do amor divino (Ap 1:5-6; cf. Jo 3:16), há uma resposta de perseverança (*ὑπομονή/hypomonē*) por parte dos cristãos. Essa perseverança consiste em guardar (*οἱ τηροῦντες/hoi tērountes* = “aqueles que guardam”) “os mandamentos de Deus” (*τὰς ἐντολάς τοῦ θεοῦ/tas entolas tou Theou*) e “a fé em Jesus” (*τὴν πίστιν Ἰησοῦ/tēn pístin Iēsou*) (Ap 14:12). Segundo Friberg (2000), o ato de guardar implica em “preservar para um propósito ou até um momento adequado”. O sentido do “propósito”, aqui, depende do restante do verso; neste caso é a resposta à graça e à fidelidade aos “mandamentos de Deus e [à] fé de Jesus”.

Em relação ao evangelho eterno, o guardar “a fé de Jesus” (*τὴν πίστιν Ἰησοῦ/tēn pístin Iēsou*), no genitivo, de acordo com Kistemaker (2014, 537-538), pode ser traduzida de três formas: 1) fé em Jesus, “interpretado subjetivamente como a fé de uma pessoa em Jesus Cristo”; 2) fé de Jesus, “fé objetiva é recitar um credo cristão no culto ou fazer uma defesa do evangelho”; 3) fiel a Jesus, “fé que demonstra lealdade dedicada é uma fé objetiva em ação” (Rm 10:6-13; 1Tm 6:2; 2Tm 4:7; Tt 1:1; Hb 13:15; 1Pe 3:14-18; Ap 5:9-10, 12-14).

Essa concepção tripla da “fé em/de Jesus” tem sua razão de ser. Kistemaker (2014, p. 537-538) e Osborne (2014, p. 608-611) vão na direção de que a fé em Apocalipse 14:12 é uma referência à fidelidade a Jesus. Sendo assim, a “fé de Jesus” está presente no restante do livro de Apocalipse (Ap 2:13, 19; 13:10); é a sua contraparte do adjetivo *pístós* (*πιστός*), fiel (Ap 1:5; 2:10, 13; 3:14; 17:14; 19:11; 21:5; 22:6). Já Stefanovic (2002, p. 454) amplia ao dizer que o significado da expressão é que os “santos” mantêm “uma fé viva em Jesus, o que os capacita a obedecer e os sustenta sob as severas pressões de perseguições por causa da sua lealdade a Cristo”. Também a “fé em Jesus” pode se referir ao “conteúdo doutrinário da fé cristã” (Jd 3; Ef 4:13) quando se toma *pístin tereîn* (*pistin threi/n*); “guardar a fé” como “uma expressão grega comum para a preservação da lealdade ou da devoção” ao conteúdo doutrinário nos tempos do Novo Testamento (OSBORNE, 2014, p. 609).

Considerando o *background* do pensamento hebraico do autor e o contexto geral do livro, pode-se entender que os conceitos expostos se complementam. Além do mais, considerando que a “fé em Jesus” está em contraste com a adoração à besta e à sua imagem, a perseverança (*ὑπομονή/hypomoné*) dos santos em guardar a “fé em Jesus” revela um ato também de adoração a Deus. O motivo é que a “perseverança dos santos” encontra seu “propósito” no guardar “a fé de Jesus” nas três possíveis definições e suas aparições no Novo Testamento. A “fé em/de Jesus”: 1) é um ato de adoração pela obediência ao mais básico mandamento da fé cristã, ordenado pelo Pai, isto é, o prosélito e o cristão crerem em seu Filho como Salvador pessoal e receberem a justiça de Cristo (Jo 3:16; Jo 6:40; 14:15; 1Jo 3:23; cf. Rm 3:22, 24-26); 2) é adoração porque em cada culto cristão havia a profissão pública de fé em Cristo e nas suas doutrinas e ensinamentos, na forma de credo, orações, batismo, santa ceia e cânticos (HURTADO, 2011, p. 16-17, 81-117; cf. At 16:31; Rm 10:5-15; Hb 13:10-16; Ap 5:9-14); 3) por fim, é um ato de adoração porque o leal testemunho cristão diante dos descrentes e autoridades

políticas ou militares, expondo-se às vezes ao martírio, é comparado como uma oferta de adoração a Deus (Rm 12:1-2; 2Co 2:16; 2Tm 4:6; Ap 6:9-11; 14:13).

## 4.2. A Segunda Característica da Adoração Ética de Apocalipse 14

Na segunda característica, a verdadeira adoração pactual é ética por ser ela fundamentada na nos quatro primeiros mandamentos do Decálogo. Ela é uma resposta de perseverança que envolve obediência e fidelidade. Essa resposta contempla o uso de *proskunéo* (προσκυνέω) de Apocalipse 14:7, em que há uma relação com o evangelho eterno, os mandamentos de Deus e a fé de Jesus (Ap 14:12). Assim como há uma ênfase no Apocalipse nas ações de adoração dos anjos, anciãos e sacerdotes de Deus, a princípio, *proskunéo* (προσκυνέω) tem um sentido cültico ou litúrgico.

Pode-se entender isso pela definição que Schönweiss e Brown apresentam (2000, v. 2, p. 1.455-1.456) ao definir que *proskunéo* (προσκυνέω) é um dos principais verbos usados tanto no Antigo Testamento (LXX) como no Novo Testamento para ser referir ao ato de prostra-se ou reverenciar. O verbo *proskuneîn* (προσκυνεῖν), na sua forma infinitiva, significa adorar, prestar homenagem a, prostrar-se para reverenciar ou cultuar e ainda pode ser entendido como prestar um serviço cültico. Quando *proskuneîn* (προσκυνεῖν) é empregado de modo absoluto, significa “participar do culto público”, “proferir orações”; “logo, no Apocalipse, *proskunéo* (προσκυνέω) chega a denotar uma espécie específica de oração: a adoração”. Os autores afirmam que *proskunéo* (προσκυνέω), em “seus aspectos característicos, chega à expressão nos vários hinos de adoração que se acham ao longo do Apocalipse (4:8-11; 5:8-11, 12-14; 7:10-12; 11:15-18; 12:10-11; 15:3-4; 16:5-7; 19:1-7)” (SCHÖNWEISS; BROWN, 2000, v. 2, p. 1.457).

Nesses textos encontra-se que a adoração “se dirige ao próprio Deus” e/ou “a Jesus Cristo”, ocupando-se “com seu divino ser [...] e com suas obras num contexto de alcance mundial” como: 1) a criação (4:8-11); 2) a soberania (15:3-4; 16:6-7); 3) a redenção (5:8-10); 4) a consumação (11:15-18). Esses hinos utilizam-se de “linguagem” e “ideias” que sempre “se renovam” “e que constantemente descobrem novos títulos de dignidade para aplicar no louvor a Deus, aplicando a ele os mais exaltados méritos e títulos” da seguinte forma: “eternidade, onipotência, honra, sabedoria, santidade, poder etc.” Concluem os autores que o objetivo, “em uma tentativa trôpega”, é o “de confessar o seu nome” e “frequentemente, esse louvor toma a forma da aclamação real: ‘Digno és tu!’ (Ap 4:11; 5:9, 12), ‘Salvação!’” (SCHÖNWEISS; BROWN, 2000, v. 2, p. 1.457).

Contudo, é importante ressaltar que o verbo *proskunéo* (προσκυνέω) na LXX, em sua relação como adoração pactual, tem como um dos seus correspondentes hebraicos *shahah* (הָשָׁה = הָשָׁה) que está presente em Êxodo 20:5. Levando-se em consideração o que foi apresentado até agora, segundo Schönweiss e Brown (2000, v. 2, p. 1.457), por mais que *proskunéo* (προσκυνέω) mantenha o seu sentido físico de “curvar-se”, “não obstante”, “esse ato se entenda como o ‘curvar-se diante da vontade do Altíssimo’ (cf. Êx 12:27-28)”.

Não há dúvida de que o livro de Apocalipse dá grande ênfase à adoração cültica como um todo. Contudo, após confirmar a existência de uma relação entre Êxodo 19-24 e Apocalipse 11:19-16:21, observa-se que a adoração pactual, antes de ser primeiramente litúrgica, é fundamentalmente ética. Ao escrever sobre a importância de Apocalipse 14:12 em sua relação com a ética do livro, Osborne (2014, p. 568) diz que:

Temos nessa passagem três mandatos éticos fundamentais: perseverança, obediência e fidelidade. Diante do terrível desfecho para aqueles que não forem fiéis a Jesus, os que

nele creem têm todos os motivos para se manterem fiéis! A passagem sobre punição é enquadrada por ênfases éticas, pois, em 14:4-5, os santos vencem porque “não se contaminaram”, mas permaneceram “virgens”, sem as impurezas do pecado.

Refletindo o pensamento acima e ampliando o que escreveu Paulien (1998, p. 83-84), há nos primeiros quatro mandamentos do Decálogo três motivações para a perseverança, obediência e fidelidade que encontram alusões em Apocalipse 14:6-7, 12:

1) No primeiro mandamento existe a motivação da salvação, e a obediência é a resposta pelo que Deus fez pelos escravos do pecado. O texto diz: “Eu sou o SENHOR, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão”, portando, “não terás outros deuses diante de mim” (Êx 20:2-3). Esse mandamento está em paralelo com o “evangelho eterno” de Apocalipse 14:6.

2) Existe uma motivação de julgamento, pois o segundo mandamento apresenta a razão: Deus visita “a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem e faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos” (Êx 20:5-6). Existe também o conceito de julgamento no terceiro mandamento, ao dizer que “o SENHOR não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão” (Êx 20:7). Em ambos os mandamentos há as consequências da desobediência. O mesmo aparece em Apocalipse 14:7 e 9-11 ao afirmar que Deus é o juiz, pois “chegou a hora do seu juízo” vindicador e destruidor.

3) A terceira e última motivação para a obediência é a criação. O texto diz para se lembrar “do dia de sábado, para o santificar”, pois “o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus” “porque, em seis dias, fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o SENHOR abençoou o dia de sábado e o santificou” (Êx 20:8-11). O mesmo aparece em Apocalipse 14:7 quando afirma: “adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas”. Em resumo, tem-se, em ambas as passagens, salvação, juízo e criação.

Isso significa que a resposta motivacional por aquilo que Deus fez, faz e fará é uma adoração. Porém, não é qualquer adoração. A adoração que Deus espera de seus filhos e filhas no presente é a adoração pactual que se volta bíblicamente à ética. Essa ética é expressa em perseverança na obediência aos mandamentos de Deus e na fé em Jesus, como visto acima. Essa é a forma mais básica da adoração a YHWH encontrada na Bíblia. Desta forma, o convite à adoração de Apocalipse 14:6-7 e 12 é o apelo para uma adoração pactual estabelecida nos valores éticos de Deus. Apocalipse 14:12 declara que a adoração pactual ética está em contraste com a adoração pactual à trindade do mal de Apocalipse 14:9-11, como será visto abaixo.

## 5. As Implicações da Falsa e da Verdadeira Adoração de Apocalipse 14

As implicações entre a verdadeira e a falsa adoração estão relacionadas com o reconhecimento de quem é o deus a ser adorado e suas consequências para esta vida e principalmente para a vida futura. Deve-se entender que existe uma contrafação da verdade em um contexto de batalha final entre o bem e o mal, bem como o fato de que o Apocalipse aborda dois tipos de adoração no capítulo 14. Segundo Paulien (1998, p. 182), “o tema da crise final da história da Terra é claramente a adoração”; portanto, o centro de Apocalipse 14 (v. 7, 12, 9-11) contempla a esfera da verdadeira adoração a Deus, que contrasta com a falsa adoração estabelecida por Satanás, conforme Apocalipse 13.

Como se observa esse contraste entre as duas adorações? Antes de responder à pergunta, é necessário entender o contexto do capítulo 14. Como bem apresentado por Paulien

(1998, p. 182), em Apocalipse 13 o dragão prossegue em sua guerra contra o remanescente e se utiliza de mais dois reforços, ou seja, a besta que sobe do mar e a besta que sobe da terra. Os três formam uma trindade profana, que procura falsificar a obra da verdadeira Trindade. Com isso, o dragão falsifica a obra de Deus, o Pai; a besta do mar falsifica a obra de Deus, o Filho; e a besta da terra falsifica a obra de Deus, o Espírito Santo. Os três juntos atacam o remanescente fiel a Deus na batalha final.

## 5.1. Contraste entre a Verdadeira Adoração e a Falsa Adoração

Em sete diferentes ocasiões, Apocalipse 13 e 14 fala da falsa adoração (PAULIEN, 1998, p. 182, 184). O contraste entre as duas adorações é visto quando o vidente de Patmos escreve que a falsa adoração é intensificada em meio à apostasia do fim dos tempos. Conforme os Quadros 3 e 4, pode-se observar o contraste entre a adoração pactual ética a Deus e o adoração pactual a trindade profana:

**Quadro 3:** Os princípios dos primeiros quatro mandamentos do Decálogo

Os quatro primeiros mandamentos (Êx 20:3-11)	Princípios dos quatro primeiros mandamentos
1) Não terás outros deuses diante de mim.	1) Adoração somente a Deus – adoração interior
2) Não farás imagem de escultura [...] não as adorarás [prostrarás diante delas], nem lhes darás culto [...].	2) Prostrar-se e cultuar somente diante de Deus – adoração exterior
3) Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão [...]	3) As palavras de adoração somente a Deus e com respeito, honra e glória a ele.
4) Lembra-te do dia de sábado [descanso] para o santificar. [...] Mas o sétimo dia é o sábado [Descanso] do Senhor, teu Deus; não farás nenhum trabalho [...].	4) O tempo de adoração a Deus envolve separar (santificar) o dia de adoração para serviços cúltricos. O motivo da adoração é o fato de que Deus é o Criador (Êx 20:8-11) e Redentor (Dt 5:12-15): o Criador dos céus, da terra, do mar e de tudo o que há, e também o Redentor do evangelho eterno (cf. Ap 14:6-7).

Fonte: Marcon (2009, p. 96).

**Quadro 4:** Contrafação dos quatro primeiros mandamentos do Decálogo

Princípios dos quatro primeiros mandamentos (Êx 20:3-11)	A contrafação da verdade: os mandamentos do dragão.
1) Adorar somente a Deus – adoração é um ato interior.	1) Adorar o dragão e/ou a besta (Ap 13:4; 14:11).
2) Prostrar-se somente diante de Deus – adoração é um ato exterior (não fazer imagem). Ele é o Deus do pacto.	2) Adorar a imagem da besta (Ap 13:14; 14:11).
3) Reverência ao nome de Deus. Adoração envolve o nome de Deus. Seu nome se evoca na aliança.	3) Honrar o nome da besta, enquanto ela blasfema do nome de Deus (Ap 13:5-6, 17; 14:11). Uma adoração pactual entre a besta e a humanidade em rebelião e pecado.

4) A santidade do tempo do sétimo dia como um tempo de adoração a Deus. Envolve o amor, a fidelidade e a submissão ao reino de Deus. O sábado é o centro de todos os mandamentos. Quem é o Deus a ser adorado? O Criador dos céus, da terra, do mar e de tudo o que neles há (cf. Ap 14:7). Sinal ou marca pactual entre Deus e seu povo.	4) Sinal ou marca da besta (Ap 13:16-18; 14:9, 11) – não têm descanso, ou seja, não têm um sábado (HENSEL; BROWN, 2000, v. 1, p. 519-523; COSTA, 2009, p. 2.063; OLIVEIRA, 2019, p. 231-251). Quando a besta e sua imagem tentam estabelecer um descanso, um dia de descanso (um outro sábado que não o sétimo dia) – elas conseguem? Não. Deus faz com que seus planos sejam frustrados, mesmo que possam escolher um outro dia. Por isso, “não terão descanso nem de dia nem de noite, os adoradores da besta e da sua imagem e quem quer que receba a marca do seu nome”.
---	--

Fonte: Marcon (2009, p. 96).

A falsa adoração está estabelecida sobre os mandamentos da trindade profana: 1) adorar o dragão e a besta (Ap 13:4, 8, 12); 2) adorar a imagem da besta (Ap 13:12, 14, 15);<sup>3</sup> 3) reverenciar o nome da besta (Ap 13:17); 4) receber a “marca” sobre a testa ou sobre a mão, isto é, um sinal de identificação pactual, em contrafação ao sinal da aliança edênico de Deus no Antigo Testamento, o santo sábado (Gn 2:1-3; Êx 31:14-18; Ez 20:12-13, 20). Para Paulien (1998, p. 182, 184), “as bestas não só falsificam cada uma das pessoas da Divindade, como também falsifiquem cada um dos quatro primeiros mandamentos do Decálogo”. Pode-se dizer que é um ataque aos quatro primeiros mandamentos do Decálogo (Ap 14:9-11). Isso tem suas implicações mais profundas:

1) Implica em um ataque ao relacionamento do ser humano com Deus, o Criador, Salvador e legislador dos mandamentos que regem a conduta da vida do cristão. Enquanto a relação do ser humano para com o Criador se expressa no amor por guardar os seus mandamentos (Dt 5; 6; 10:12; 11:1-25; Jo 14:15; 15:10; 1Jo 5:1-5), o ataque se dá ao fundamento mais básico da adoração pactual, isto é, aos princípios essenciais que definem a ética cristã. Esses princípios éticos estão na primeira tábua dos Dez Mandamentos e, como disse Paulien (1998, p. 83, 84), eles têm a ver com o relacionamento do ser humano com Deus.

2) O contraste que se faz entre o versículo 12 e os versículos 9-11 do capítulo 14 implica que o uso do verbo *proskunéo* (*προσκυνέω*) para adoração à trindade profana é uma referência a adoração pactual a falsos deuses como descrito em Êxodo 23:32-33. Isso se deve ao fato de o verbo *proskunéo* (*προσκυνέω*) ser um termo teológico, no Apocalipse, para se referir à adoração pactual ética exclusivamente a Deus. O Apocalipse afirma que seguir os mandamentos expressos pela besta é adorar o dragão, Satanás. A Bíblia declara que a base de toda adoração é a obediência e submissão aos reclamos, às leis e aos mandamentos de uma divindade, o que significa entrar em uma relação pactual com ela. Neste caso, entrar em uma relação pactual com o inimigo de Deus. Conscientemente é estar em rebelião contra a soberania do Criador.

3) Há mais uma implicação observada em Apocalipse 14:12 quando afirma que “guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus”. Isso significa que a adoração ética abrange dois aspectos: “obediência e testemunho fiel”, ou seja, “os ‘mandamentos’ de Deus se referem à totalidade da conduta exigida no livro” (OSBORNE, 2014, p. 48). Isso significa que a expressão “mandamentos de Deus” não se refere apenas aos mandamentos da primeira tábua da aliança, mas, como afirma Aune (1998, p. 709), “também eles remetem à segunda tábua do Decálogo”. Pode-se afirmar que a segunda tábua também se concentra nas exigências éticas ao povo de Deus que estão presentes no livro de Apocalipse. Tais exigências atingem aqueles que

<sup>3</sup> Agora não mais adora um bezerro de ouro (Êx 32), mas, sim, a representação de uma falsa divindade (Ap 13:12, 14).

receberão os juízos e ficarão de fora da cidade santa por viverem em desacordo com os princípios dessa segunda tábua (Ap 9:20-21; 21:8; 22:15).

## 5.2. O Destino dos Adoradores da Falsa e da Verdadeira Adoração

Precisa-se ainda observar as consequências da falsa adoração como são reveladas em Apocalipse 14:9-11 e 17-20. Em Apocalipse 14:17-20 é dito que, pela vinda de Cristo nas nuvens do céu, os adoradores da besta e da sua imagem, e aqueles que recebem o seu nome ou sua marca, são recolhidos como uvas e jogados no lagar da ira do juízo punitivo e destruidor dos ímpios. Durante esse julgamento final em Apocalipse 14:9-11, segundo Rodríguez (s.d., p. 73), “os ímpios são descritos como não tendo ‘descanso nem de dia nem de noite’ (Ap 14:11)”. A falta desse descanso é pela rejeição do sangue do Cordeiro “para a libertação de seus pecados e do poder do dragão (1:5; 12:11)”. Enquanto eles são incapazes de descansar, o povo de Deus experimenta descanso (cf. 14:13). Rodríguez conclui afirmando que “é quase irônico que aqueles que rejeitaram o descanso oferecido a eles pelo Senhor em Cristo, expresso na observância do mandamento do sábado, agora são incapazes de descansar em sua presença”.

Por fim, os resultados da verdadeira adoração se observam ao seguir o curso do texto que descreve os redimidos cantando um “cântico novo” porque responderam afirmativamente ao evangelho eterno (Ap 14:6). O efeito é que os redimidos são justos e fiéis porque foram lavados e alvejados no sangue do Cordeiro (Ap 7:14), apresentando em sua vida valores éticos como “castidade” ou pureza, não têm “mentira em sua boca” e não têm “mácula” (Ap 14:4-5). Eles adoram o Criador com temor e glorificam-no (Ap 14:7) por meio da obediência aos mandamentos de Deus e da fé em Jesus (Ap 14:12).

Por esse motivo os redimidos são “recolhidos” como o cereal maduro da seara no celeiro de Cristo por ocasião de seu segundo advento (Ap 14:14-16; cf. Êx 23:16-19). Eles se encontrarão junto ao mar de vidro no Céu, cantando o cântico de Moisés, isto é, o cântico do Cordeiro (Ap 15:2-4). A diferença entre ambos os tipos de adoradores terá como resultado a separação daqueles que são justos e fiéis daqueles que são injustos e infiéis, com redenção eterna para os primeiros e a punição de consequências eternas para os segundos.

## 6. Considerações Finais

Ao observar a existência de uma relação literária, temática e teológica, bem como a presença de ecos e símbolos entre Êxodo e Apocalipse 11:19-16:21, especificamente Êxodo 19-24, fica evidente que o tema da aliança de Deus com seu povo está presente em tal bloco apocalíptico (PAULIEN, 1995, p. 247-255). Não somente isso, mas contém elementos importantes para a adoração pactual. Seguindo o estudo literário e teológico, a adoração pactual é fundamentada nos quatro primeiros mandamentos do Decálogo, indicando quem, como, quando e por que adorar. Como bem exposto por Schönweiss e Brown (2000, v. 2, p. 1.457), o significado de *proskunéo* (προσκυνέω) em Apocalipse 14:6-7, 12 tem como conceito a submissão da pessoa diante da vontade de YHWH.

A definição de uma adoração pactual ética se dá conceitualmente por meio da relação pactual entre Deus e a humanidade, tendo como fundamento a ética do Decálogo. Ou seja, a forma mais básica da adoração ética é a submissão, obediência e fidelidade aos mandamentos de Deus conforme apresentados em Êxodo 20:1-17 (Êx 19:8; 20:2-17; 24:7; Dt 4:13; 5:27; 6:1-8). Essa adoração ética também se apresenta em relação à fidelidade a Cristo em meio a

provações e perseguições instigadas por Satanás e seus agentes. Assim, diante de uma crise que envolverá a adoração a besta, sua imagem e ao dragão, a questão fundamental dessa adoração ética é a perseverança em meio a rebelião, apostasia e pecado dos últimos dias.

A obediência que Deus espera não é uma resposta legalista, mas uma resposta de fé em Cristo, como Paulo também afirmou em Romanos 1:3-5; 16:19, 26. Tal obediência se manifesta pelo temor (Dt 10:12-13, 20; Ap 14:7), no ato de glorificar a Deus (Dt 10:21; Ap 14:7), bem como na ética da perseverança, obediência, fidelidade e uma vida cristã impoluta. Tal vida de adoração pactual ética é dependente da graça de Cristo, pois só ela preparará o crente para receber a vinda de Cristo (Ap 14:14-20).

Conclui-se que uma adoração pactual é uma adoração ética: 1) quando reconhece a Deus como Criador e Redentor graças ao evangelho eterno da salvação em Jesus Cristo, sendo que por meio dele o crente é investido como um reino de sacerdotes; e 2) quando é fundamentada na fé em/de Jesus e nos quatro mandamentos do Decálogo, sendo uma resposta de perseverança, obediência, fidelidade e testemunho público de seu amor e devoção a YHWH.

Neste sentido, semelhantemente a Israel, que se comprometeu a obedecer a Deus junto ao monte Sinai, em Apocalipse 14 há um chamado de compromisso pactual ético junto ao monte Sião para o cristão que decide viver a lealdade, adoração, reverência e santidade a Deus. Esse compromisso não é qualquer compromisso, mas sim um compromisso de amor que adora e que se expressa na fidelidade aos reclamos de justiça da santa lei de Deus.

Em tempos em que os cristãos têm se apresentado diante de Deus para adorar e cada vez mais a ênfase tem sido no formato e nas manifestações cúltricas, negligenciando aquilo que Deus considera de valor eterno na adoração a ele, a mensagem de Apocalipse 14 vem de encontro à religiosidade contemporânea.

## Referências

AUNE, D. E. **Revelation**. Word Biblical Commentary, v. 52. Nashville, TN: Thomas Nelson, 1998.

**BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA**: Almeida Revista e Atualizada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

CASEY, J. S. **Exodus typology in the book of Revelation**. 134 fs. Tese (Doutorado em Teologia). Southern Baptist Theological Seminary, Louisville, 1981.

COSTA, J. W. B. da. *ἀνάπαυσις*. In: **Bíblia de estudo palavras chaves**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2009.

FEE, G. D.; STUART, D. **Entendes o que lêes?** Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 1997.

FRIBERG, T.; FRIBERG, B.; MILLER, N. F. Analytical lexicon to the Greek New Testament. Baker's Greek New Testament Library. Grand Rapids: Baker, 2000. In: **BIBLEWORKS**: versão 9.0. Norfolk, VA 23508, P.O. Box 6158: BibleWorks, LLC, 2011.

GALLUS, L. O tema do Êxodo em Apocalipse 15-16: antecedente e natureza. *In*: REIS, E. dos; FESTA, S; FOLLIS, R. (Orgs.). **Princípios do fim**: o Apocalipse à luz do Antigo Testamento. Parousia, v. 4. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2016.

GIFFORD, D. S. **The Exodus motif in Revelation 12**: divine deliverance for the 21th century. Independent Study: Apocalyptic Biblical Literature. Regent University RTCH 790, ago. 2018.

HENSEL, R.; BROWN, C. *ἀνάπαυσις*. *In*: COENE, L; BROWN, C. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000.

HURTADO, L. W. **As origens da adoração cristã: o caráter da devoção no ambiente da igreja primitiva**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

KAISER, W. C. *עֲבָד*. *In*: HARRIS, R. L.; ARCHER JUNIOR, G. L.; WALTKE, B. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

KISTEMAKER, S. **Comentário do Novo Testamento: Apocalipse**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

LADD, G. **Apocalipse**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1992.

LARONDELLE, H. K. **Nosso Criador Redentor**: introdução a teologia bíblica da aliança. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2016.

MARCON, J. L. A relação entre o evangelho eterno e a adoração de Apocalipse 14. **Kerygma**, v. 5, n. 1, 2009, p. 71-96.

MARCON, J. L. **Estudo sobre a relação entre εὐαγγέλιον e προσκυνέω em apocalipse 14:6-7 e suas implicações para adoração da comunidade de fé**. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Faculdade EST, São Leopoldo, 2019.

NEUFELD, D. F. **Dicionário bíblico adventista do sétimo dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

NINOW, F. **Indicators of typology within the Old Testament**: the Exodus motif. 358 ff. Tese (Doutorado em Teologia) – Universidade Andrews, Berrien Springs, MI, 1999.

OLIVEIRA, B. Interxutualidade e alusões à criação e ao sábado em Apocalipse 12-14: um estudo exegético e interbíblico. *In*: DORNELES, V.; OLIVARES, C. (Orgs.). **Desvendando o (texto de) Apocalipse**: estudos intertextuais, literários e exegéticos. São Paulo: Fonte Editorial, 2019.

OSBORNE, G. R. **Apocalipse**: comentário exegético. São Paulo: Vida Nova, 2014.

PAULIEN, J. Revisiting the Sabbath in the book of Revelation, 179-186. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 9, n. 1-2, 1998.



PAULIEN, J. The role of the Hebrew cults, sanctuary and temple in the plot and structure of the Book of Revelation. **Andrews University Seminary Studies**, v. 33, n. 2, 1995.

ROCHA, J. M. **Ética cristã**. Material não publicado. Instituto Adventista de Ensino, Engenheiro Coelho, SP, 1998.

RODRÍGUEZ, A. M. **The closing of the cosmic conflict**: role of the three angels' messages. Material não publicado, s.d.

SCHÖNWEISS, H.; BROWN, C. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000.

SHEA, W. H. Paralelos literários e teológicos entre Apocalipse 14–15 e Êxodo 19-24. *In*: REIS, E. dos; FESTA, S; FOLLIS, R. (Orgs.). **Princípios do fim**: o Apocalipse à luz do Antigo Testamento. Parousia, v. 4. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2016.

SMITH, R. H. Exodus typology in the Fourth Gospel. **Journal of Biblical Literature**, v. 81, n. 4, 1962, p. 329-342.

STEFANOVIC, R. **Revelation of Jesus Christ**: Commentary on the Book of Revelation. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2002.

STOCK, A. **The way in the wilderness**: Exodus, wilderness, and Moses: Themes in Old Testament and New. Colleagueville, MN: Liturgical Press, 1969.

TIMM, A. R. **O santuário e as três mensagens angélicas**: fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas. Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 1999.

WHITE, E. G. **História da redenção**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

YAMAUCHI, E. הַדָּר . *In*: HARRIS, R. L.; ARCHER JUNIOR, G. L.; WALTKE, B. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.